

Logoterapia e juventude: a busca pelo sentido da vida

Logotherapy and youth: the search for the meaning of life

Felipe de Queiroz Souto¹



0000-0002-5437-2657

Resumo

A principal questão filosófica que aborda a antropologia é a pergunta “*quem sou eu?*”. Essa questão cruzou o pensamento ocidental e se faz presente na obra de inúmeros pensadores. No entanto, ela é também uma questão fundamental para a existência humana em sua particularidade. Todos os seres humanos questionam-se sobre quem são e se põem a refletir sobre isso. Neste artigo, buscamos mostrar as implicações sociais dessa questão e como a resposta para ela depende da nossa relação com os outros que convivem conosco em comunidade. Para tanto, iremos nos utilizar da antropologia filosófica de Lima Vaz e da logoterapia de Viktor Frankl. Como método de pesquisa, utilizamos a hermenêutica filosófica para decifração dos textos. O artigo foi apresentado na palestra *Os jovens e as questões existenciais e sociais* do Núcleo de Fé e Cultura da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Palavras-chave: Antropologia filosófica. Existência. Jovens. Quem sou eu?

Abstract

*The main philosophy question that the anthropology addresses is “who am I?”. This question crossed the occidental’s thinking and is present in the work of innumerable thinkers. However, it is also a fundamental question for the human existence in its particularity. Every human being thinks about who they are. In this article, we show the social implications of that question and how the answer depends on our relationship with other people. For this purpose, we use philosophical anthropology of Lima Vaz and the logotherapy of Viktor Frankl. As a method of research, we used the philosophical hermeneutic to decipher the texts. The article was presented at the lecture *Os jovens e as questões existenciais e sociais* (Young people and existential and social questions) of Center of Faith and Culture of Pontifícia Universidade Católica de Campinas.*

Keywords: Philosophical anthropology. Existence. Young people. Who am I?

Introdução

Os jovens e as questões existenciais e sociais é o título da exposição proferida no Colóquio *A beleza e a difícil arte de ser jovem hoje* ocorrido no ano de 2019, organizado pelo Núcleo de Fé e Cultura da PUC-Campinas. Com o tema proposto, a reflexão nos permite articular a condição

¹ Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. R. Prof. Dr. Euryclides de Jesus Zerbini, 1516, Parque Rural Fazenda Santa Cândida, 13087-571, Campinas, SP, Brasil. E-mail: felipeqsouto@gmail.com

Apoio: Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Processo 2019/13459-8).

existencial e social do ser humano por uma perspectiva filosófica, a partir da qual entendemos que a condição existencial do ser humano se constitui sobre a sua condição social e vice-versa. Assim, a nossa existência se constitui na comunidade enquanto a comunidade é constituída de acordo com nossa existência. É um movimento dinâmico de reciprocidade na formação do nosso mundo e na compreensão do mundo.

Com essa problemática, abordamos dois principais referenciais teóricos: o filósofo Henrique Cláudio de Lima Vaz, com sua antropologia filosófica, e o psicólogo Viktor Frankl, com seus conceitos de autotranscendência e de busca de sentido. Com eles, apoiamo-nos sobre o artigo *Fenomenologia das Motivações do Adolescente em Conflito* com a Lei da psicóloga Maria Clara Jost, no qual ela apresenta a fenomenologia antropológica de Lima Vaz para analisar a condição existencial dos jovens em situação de cárcere (JOST, 2010). Tarefa que nos rende inúmeros resultados para se pensar a relação entre a condição social e existencial do ser humano.

Como método de análise, utilizaremos a hermenêutica filosófica para compreensão das fontes e da própria fenomenologia antropológica de Lima Vaz para a interpretação dos resultados dados por Jost, conjugando-os com a afirmação do sentido da vida segundo a logoterapia. O artigo está estruturado da seguinte forma: a abordagem da questão filosófica do *Quem sou eu?* pela análise de Frankl, apontando a construção do sentido da vida por meio das relações sociais, para então partirmos ao segundo ponto, no qual iremos trabalhar a frustração como resposta à dificuldade social e existencial por responder à questão que é fundante e fundamental para a compreensão da existência.

Quem sou eu?

O homem, desde que se entende como ser racional, questiona-se sobre a sua essência. A pergunta *quem sou eu?* caminha com o ser humano desde a sua origem e o leva a buscar definições para uma questão nada definida. Na sociedade da tecnociência, somos tentados a responder à pergunta com articulações pragmáticas ocupadas com nossas tarefas e planos atuais e futuros, mas que em nada correspondem à essência da questão. Nos perguntamos: para que viver vale a pena? Não seria uma atitude ambiciosa de nossa parte definir o sentido da vida em nossas próprias construções pessoais? Não teria a vida um sentido para além dela mesma?

Questões como essas tornam apenas mais difícil a resposta para a questão fundante do *quem sou eu?* E não há construção possível de resposta dentro da lógica do desenvolvimento progressivo, da técnica e do consumo. Mas, talvez, haja possibilidade de compreendermos a forma como se constitui a questão. O famoso aforisma socrático do “conhece-te a ti mesmo” nos indica um vestígio da resposta, afinal, o conhecimento de si é a resposta fundamental à questão fundante. A problemática, no entanto, está no fato de que o próprio conhecimento de si não é um conhecimento objetivo e pragmático, mas antes, um conhecimento constitutivo da experiência humana. O homem se conhece na medida em que se constitui, assim, a única resposta possível à pergunta está no modo como nos constituímos, e não no *que/por que somos*.

De modo poético e perspicaz, escreveu Guimarães Rosa: “viver é um rasgar-se e remendar-se” (ROSA, 2009, p. 102), o que pode ser lido como uma tentativa de responder à questão enquanto constituição de si. Aquilo que se rasga e se remenda é constituído do modo como se faz.

Assim, enquanto *modo*, a resposta para a questão fundamental é um acontecimento (MAHFOUD, 2019) e, diria mais, um acontecimento-apropriação como definido no termo heideggeriano de *Ereignis*, isto é, um acontecimento tão próprio da constituição do ser humano enquanto tal que encontra o fundamento da existência na própria dinamicidade da vida, de forma que não há nada para fora da existência, mas tudo se constitui nela e por ela. O homem é, assim, o seu próprio acontecimento.

O que se faz notar é que a constituição do ser humano não é, de modo algum, uma constituição isolada, mas sempre partilhada numa relação de encontro e alteridade. O ser humano é essencialmente social e, por isso, também é um ser relacional, composto por uma subjetividade e por uma exterioridade que se coadunam constituindo-se uma à outra, assim:

É por meio do relacionamento com o mundo e com os outros que o sujeito vai estruturando sua subjetividade, construindo seus valores, elaborando a concepção de si mesmo e exteriorizando seu próprio ser no mundo social, à medida que esse mundo é interiorizado por ele como realidade objetiva. Esse intercâmbio, por sua vez, se dá por meio de atos sociais que são submetidos a um juízo de valor segundo seus efeitos, sejam eles construtivos ou destrutivos (Stein, citada por Ales Bello, 1992/2000). Dessa forma, o objeto externo, refletido nos fenômenos psíquicos, afeta as necessidades e os interesses a partir do significado dado pelo sujeito à sua experiência. Esta, por sua vez, suscita uma atitude emocional-volitiva que é externalizada pelo sujeito, transformando, assim, a realidade dada. O sujeito humano, portanto, é simultaneamente constituinte e constituído pelo meio social, num relacionamento dialético constante que garante a unidade entre a ação e o seu significado, caracterizando a abertura, a criatividade e a plasticidade das respostas humanas ao mundo (JOST, 2010, p. 100).

Como afirmado por Jost, o ser humano é formado por um relacionamento dialético de intercâmbio entre o si mesmo e o mundo social. Suas concepções, seus desejos, seus devaneios, seus valores, suas religiões são todos aspectos moldados mediante às respostas humanas dadas ao mundo que o circunda, uma vez que são as influências e os pressupostos que recebe desde sua origem no mundo. A criação do ser humano, portanto, estabelece-se sobre a criação de sua própria cultura, de sua língua e de seu modo de organizar-se na vida social. O social implica o humano e o humano implica o social, de forma que um constitui o outro.

Tomamos aqui a liberdade de utilizarmos a literatura brasileira como ponte de diálogo com nossa discussão, pois a arte também é capaz de revelar os aspectos existenciais que são circundados pelo ambiente público e social da vida humana. Podemos, por exemplo, encontrar essa dimensão nas poesias de Drummond e, ao nos remetermos aos versos de *Elegia* 1938, temos:

Trabalhas sem alegria para um mundo caduco,
onde as formas e as ações não encerram nenhum exemplo.
Praticas laboriosamente os gestos universais,

sentes calor e frio, falta de dinheiro, fome e desejo sexual.
 Heróis encham os parques da cidade em que te arrastas,
 e preconizam a virtude, a renúncia, o sangue-frio, a concepção.
 À noite, se neblina, abrem guarda-chuvas de bronze
 ou se recolhem aos volumes de sinistras bibliotecas.
 Amas a noite pelo poder de aniquilamento que encerra
 e sabes que, dormindo, os problemas te dispensam de morrer.
 Mas o terrível despertar prova a existência da Grande Máquina
 e te repõe, pequenino, em face de indecifráveis palmeiras.
 Caminhas entre mortos e com eles conversas
 sobre coisas do tempo futuro e negócios do espírito.
 A literatura estragou tuas melhores horas de amor.
 Ao telefone perdeste muito, muitíssimo tempo de semear.
 Coração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota
 e adiar para outro século a felicidade coletiva.
 Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição
 porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan
 (DRUMMOND DE ANDRADE, 2010, p. 157).

Vê-se que o eu-lírico da poesia de Drummond fala dentro de uma perspectiva dialética, ele observa a sua própria realidade e com ela dialoga como se não fosse o próprio sujeito da poesia. Esse sujeito está inteiramente condicionado sobre sua realidade social, de forma que é praticamente impossível retirar-se dela, pois ele a constitui enquanto sobre ela é constituído. Ele faz parte desse tempo e dessa época como qualquer outro e a ela se submete. A situação existencial do sujeito na poesia drummondiana é a situação do sofrimento ocasionado pelo mundo da técnica que submete o ser humano numa condição de “não-ser”, de aniquilamento de si em favor da massificação e alienação dos homens. Identificando-nos com o sujeito da poesia, podemos nos perguntar diante da realidade que a nós se apresenta: “Quem sou eu?”.

E o retorno da questão fundante torna-a ainda mais difícil e sensível de resposta. Como caminho para articularmos nosso pensamento, podemos nos apoiar sobre a concepção de Lima Vaz, que compreende a estrutura do ser humano como desenvolvida em três dimensões: a da objetividade, a da intersubjetividade e a da transcendência (VAZ, 2014). Sendo, dessa forma, a primeira denotativa da relação entre o homem e o mundo; a segunda, da relação entre o homem e o outro; e; a terceira, da relação entre o homem e o transcendente.

O que podemos observar, deste modo, é que a constituição do ser humano nessas três dimensões também corresponde a três questões norteadoras: na relação homem-mundo temos “de onde vim?”, na relação homem-homem temos “quem sou eu?” e na relação homem-absoluto temos “para onde vou?” (JOST, 2010, p. 103). Essa última questão, enquanto relação entre o homem e o absoluto, perpassa todas as dimensões humanas e as afeta diretamente, e pode ser identificada como a dimensão do sentido da vida, da estrutura espiritual (VAZ, 2014) ou noológica de Viktor Frankl (JOST, 2010), que entende a significação da existência humana enquanto uma existência que busca e projeta o sentido da vida para fora de si, de modo que, em Frankl:

[...] o homem só se torna homem e só é completamente ele mesmo quando fica absorvido pela dedicação a uma tarefa, quando se

esquece de si mesmo a serviço de uma causa, ou no amor a uma pessoa. É como o olho, que só pode cumprir sua função de ver o mundo enquanto não vê a si próprio. O sentido tem um caráter objetivo de exigência e está no mundo, não no sujeito que o experiencia (MOREIRA; HOLANDA, 2010, p. 346).

Essas atribuições podemos também compreender enquanto atribuições espirituais, não necessariamente no sentido religioso (mas também), mas enquanto uma dimensão própria do ser humano que o faz transcender. A transcendência, aqui, está ligada à projeção humana no mundo próprio. Assim, o homem que se constitui marcado pelo seu entorno, que lhe dá categorias próprias de compreensão de mundo, projeta-se sobre elas para sua realização como pessoa humana situada historicamente. Portanto, enquanto a relação homem-absoluto implica sua força diretamente nas outras duas relações, temos que essas outras se implicam simultaneamente.

Para Frankl, a transcendência pode ser lida como autotranscendência, pois aponta para uma realidade sempre exterior ao homem que fundamenta a sua existência enquanto ser humano. Desse modo, o ser humano se projeta sempre para fora de si mesmo, encontrando sentido sempre para além de si, de forma que — como não há em Frankl uma existência fixa de sentido — a vida humana se significa inúmeras vezes durante sua existência diante das aspirações que ela assume. Assim:

A autotranscendência também faz parte da essência do ser humano — a pessoa é aberta ao mundo, coloca-se em relação, volta-se para algo ou alguém diferente de si. “Ser homem significa [...] ser para além de si mesmo. [...] Ser humano significa ordenar-se em direção a algo ou a alguém: entregar-se [...] a uma obra a que se dedica, a uma pessoa que ama, ou a Deus, a quem serve” (FRANKL, 1989, p. 45).

Zamulak (2015, p. 140) afirma que:

A autotranscendência [tem uma] como capacidade de superação, [pois] possibilita o desenvolvimento de potencialidades que tornam o homem capaz de se envolver em projetos significativos os quais o colocam em contato com o seu ser criativo. Este novo olhar sobre a vida pode libertar o homem da rotina e da automatização mecânica da vida, onde seus sonhos e desejos assumem uma nova dimensão, já não giram apenas em torno de si mesmo.

Portanto, a dimensão noológica da psicoterapia de Viktor Frankl identifica-se com a dimensão transcendente em Lima Vaz, pois ambos os autores compreendem que a relação do ser humano com o transcendente (o sentido da vida em Frankl e o absoluto em Lima Vaz) é capaz de significar a vida humana e dar a ela um sentido próprio, mas também dinâmico. Dinâmico porque o homem se cria, se molda e se constitui por meio de suas vivências para responder continuamente à incessante pergunta: “Quem sou eu?”. Pergunta essa que, como já visto, exige sempre um modo de resposta enquanto acontecimento, não se limitando às definições biológicas, sociais ou psíquicas. Estas fazem parte da constituição do ser humano, mas não respondem à questão axiologicamente.

Na perspectiva da relação do homem com os outros homens — mediação para criação da cultura —, temos a garantia de um mundo compartilhado sobre o qual todas as experiências podem ser lidas e interpretadas. Por exemplo, a língua que falamos é uma língua que não diz respeito à nossa produção individual, mas é um fenômeno comunitário que se deu antes mesmo da nossa chegada a esse mundo e que permanecerá mesmo depois da nossa partida. Dessa forma, a língua nos aparece como formadora de mundo enquanto uma experiência coletiva, histórica e cultural, portanto, está na relação homem-homem, de intersubjetividade. A intersubjetividade afeta diretamente a nossa relação com o mundo, com aquele que está à nossa disposição sempre presente, isto é, o mundo da objetividade com o qual nós estabelecemos a relação sujeito-objeto, mas que tem a sua compreensão articulada sobre as duas relações anteriores.

A título de exemplificação, podemos tomar a seguinte anedota: pensemos em um acontecimento fictício, dois amigos subindo uma montanha. O primeiro amigo foi formado em uma tradição que o ensinou que cada vez que ele subisse uma montanha deveria rezar para ela, pois, caso contrário, ela poderia não gostar da sua presença ali e enviar algum malefício. O segundo amigo foi formado em uma tradição que não previa essa regra, pois também não previa a existência de Deus. Imaginemos agora que o primeiro amigo convide o segundo para uma oração no momento em que eles sobem a montanha. Qual será a reação do amigo ateu? De fato, não aceitar a proposta, mas permitir que o primeiro suba rezando, e assim é feito.

O que essa anedota nos conta de fato? Nos conta que pessoas distintas possuem formações distintas do modo de compreensão do mundo e da vida. O primeiro amigo foi formado em um sistema de valores que o fazia projetar o sentido de sua vida para uma realidade transcendente que se articula com a sua vivência em comunidade, a tradição que ele recebeu e, por isso, ao ter contato com a montanha, estabelecia uma conexão muito própria que compete ao sagrado, mas que só ele poderia vivenciar daquela forma. O segundo amigo não podia compreender as vivências do outro, pois não compartilhava com ele a mesma projeção de sentido e as mesmas categorias de compreensão de mundo.

O que se conclui é que a cultura, a língua, o outro podem ser lidos na dimensão da intersubjetividade, mas somente as vivências podem ser lidas no plano da objetividade enquanto uma experiência do fenômeno, do que se mostra a nós. A montanha é esse fenômeno na estória, que só pode ser interpretada do modo como foi por conta da constituição própria daquele indivíduo em sua formação de mundo intersubjetivo e transcendente. Somos, portanto, sempre seres em afetação enquanto também afetamos o nosso entorno, corroborando o que Jost afirmou ao dizer que o “sujeito humano, portanto, é simultaneamente constituinte e constituído pelo meio social” (JOST, 2010, p. 100).

A frustração como resposta à questão fundante

Se, somos constituídos pelas relações homem-mundo, homem-homem e homem-absoluto, então também o sofrimento existencial acompanha esse dinamismo. Jost realizou um estudo, no qual acompanhou o relato de alguns jovens presidiários, cuja motivação era a de compreender o estado existencial daquelas pessoas para, depois, chegar à conclusão do porquê de elas terem se interessado pela criminalidade e acabado na prisão. O estudo a levou à hipótese de que na:

[...] busca humana de significação de si mesmo, do outro e de sua vida, esses adolescentes, não vislumbrando outras possibilidades, acabam entrando no caminho do crime, invertendo a seta do sentido da vida, encontrando e experienciando exatamente o contrário daquilo que buscavam (JOST, 2010, p. 104).

O que acontece, nesse caso, é uma frustração dos valores que encerra aos homens qualquer projeção de possibilidade, fazendo-os sentirem-se como “excluídos, ignorados, estigmatizados, coisificados, enganados, injustiçados, rejeitados e isolados pelo mundo social” (JOST, 2010, p. 106), tal como Drummond também aludia em *Elegia 1938*, pois o ser humano se coisifica, tornando-se algo que ele mesmo não é quando não encontra no mundo o sentido de sua existência.

O mundo da técnica, do capital e do desejo mimético torna-se, assim, o mundo do terror, em que o homem mesmo não é homem, mas é estatística, número e quantidade. E, para ser algo, deveria o homem, neste mundo estigmatizado, ter algo. Inverte-se a própria lógica de ser humano, pois para ser é preciso antes ter, possuir, comprar etc. Assim, o homem se despersonifica, conforme “Frankl (1978, p. 57), que também afirma que “Na sociedade afluenta, há muito dinheiro, não há um objetivo de vida. As pessoas têm de que viver, não para que viver”. O consumismo se torna uma maneira superficial de suprir a falta de sentido para a vida” (ZAMULAK, 2015, p. 131). Quando o consumismo se torna o mecanismo para suprir a falta de sentido da vida, então o ser humano deixa de ser relacional, para ser material, reduzindo a sua existência a coisa.

Na lógica do capital, aqueles que não pertencem à classe dos possuidores são condicionados a sentirem-se como excluídos. Do mesmo modo, sentem-se os jovens da análise de Jost, permitindo-nos afirmar que a pesquisa dela se estende para além das fronteiras do presídio e se situa na cotidianidade dos indivíduos sociais. Esses que a todo momento buscam autoafirmarem-se sobre a realidade que os cerca.

O estudo de Jost produziu resultados interessantes que podem ser observados em seu artigo. Os dados revelam o que os jovens buscavam e o que eles encontraram na sua relação com o mundo, com o outro e com o transcendente. Enquanto na relação com o mundo a expectativa dos jovens em vulnerabilidade era de pertencimento a uma comunidade, filiação e referências fortes, o que eles encontravam eram decepções, traições e isolamento afetivo. Assim, na expectativa da relação com os outros, eles buscavam realizações das potencialidades, integridade e autoestima, e o que recebiam era frustração, corrupção e baixa estima. Ainda, na relação com o transcendente, os jovens em situação de cárcere analisados por Jost buscavam dignidade, justiça e sobrevivência, mas o que ganhavam era humilhação, revolta e morte. Com isso posto, temos que a percepção de Jost sobre essas questões é de que, na primeira relação, os jovens concluíam que eles são “excluídos, abandonados, ignorados, estigmatizados, coisificados, enganados, injustiçados, rejeitados, isolados” (JOST, 2010, p. 105). Na segunda relação, eles concluíam de si a afirmação do “(eu sou) ruim, do mal, traidor, não confiável, mentiroso, falso, um engano, objeto, inútil, insignificante, otário, burro, incapaz, sem valor, irremediável, um lixo, não merecedor” (JOST, 2010, p. 105). E, ainda, da terceira relação, a conclusão dos jovens sobre a vida era “não há saída, não há possibilidades, não há mais volta, não há mais vida, não há sentido” (JOST, 2010, p. 105).

O que Jost verificou em sua pesquisa é que os jovens em situação de conflito com a lei não dão conta de responder ao apelo existencial: *torne-se quem tu és*, de modo que esse apelo “fica

interrompido, levando-os a concluir que sua vida não tem saída, que não existem possibilidades, nem esperança, nem sentido” (JOST, 2010, p. 106). O modo como eles operam a existência fechou-se para qualquer dimensão de sentido que se tenha fora da mácula do delito que cometeram. A realização da vida se encerra num ato que não é início e nem fim, mas consequência de uma situação social de sofrimento.

Algo que nos chama atenção no estudo da autora é justamente que a busca de sentido, de referências e de afeto foi frustrada quando os jovens encontraram na realidade uma situação de dificuldade para se relacionarem com as três dimensões, o que gerou uma falência relacional na constituição desses indivíduos. E ainda: é que a falência relacional frustra também as expectativas dos indivíduos da nossa sociedade, principalmente adolescentes estudantes do ensino médio. É o que mostrou o estudo *Avaliação de uma Proposta de Prevenção do Vazio Existencial com Adolescentes* realizado por um grupo de pesquisadores da Paraíba liderado pelo Prof. Dr. Thiago A.A. de Aquino, do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, e publicado na revista *Psicologia: Ciência e Profissão*. A pesquisa abordou um total de 33 estudantes entre 14 e 18 anos. Foram formados dois grupos, sendo um designado como grupo experimental e o outro, como grupo controle e foram realizados testes a partir da logoterapia de Frankl.

Os adolescentes do grupo controle não sofreram nenhum tratamento logoterapêutico, enquanto os adolescentes do grupo experimental o fizeram. Com o último grupo, ocorreu em uma série de 15 encontros articulados sobre questões existenciais, sendo aplicado um pré-teste no início e um pós-teste no final da pesquisa (AQUINO *et al.*, 2011). O grupo experimental discutia e compartilhava questões como: o sentido da vida, a liberdade, a responsabilidade, a finitude, o conformismo, as dificuldades, as crenças até avançarem na construção de um projeto de vida (AQUINO *et al.*, 2011, p. 154). Para tanto “utilizou-se de fábulas e parábolas provenientes da literatura baseadas em uma relação dialógica, sobretudo no diálogo socrático” (AQUINO *et al.*, 2011, p. 154). Esses processos foram avaliados pelo grupo de pesquisa e resultaram em dados como: aqueles que receberam um estímulo por meio da logoterapia tiveram uma vantagem de projeção de sentido existencial em relação ao grupo de controle e o que se concluiu foi:

Em geral, na adolescência, os jovens podem apresentar sentimentos de desesperança por falta de perspectivas para o futuro, e considera-se que, por meio das discussões em grupo, os estudantes tenham podido ampliar e reformular suas visões sobre a vida e sobre o mundo. A discussão sobre o sentido na vida, bem como a consciência de uma perspectiva de futuro, pode constituir fator de prevenção do vazio existencial, ajudando esses jovens a descobrir novos significados (AQUINO *et al.*, 2011, p. 158).

Nesse sentido, pode-se afirmar que o grupo logoterapêutico foi responsável pela transformação individual dos adolescentes que compartilhavam com os outros o seu mundo de sentido. A subjetividade implica a intersubjetividade e a intersubjetividade implica a subjetividade, como já mostrado pelo estudo de Jost e fundamentado aqui pela antropologia vaziana. Nessa implicação de significações, gera-se o sentido da vida de modo histórico e situado. Tem-se um “para quê” viver e este é posto em prática, na ação do homem no mundo.

Considerações Finais

Retornemos à questão fundante e fundamental de nossa discussão: “Quem sou eu?”. Como resposta podemos dizer que não há formulações prontas para discorrermos sobre isso. O ser humano se constitui nas relações observadas por Lima Vaz, sendo elas: a relação homem-mundo, a relação homem-homem e a relação homem-absoluto. No entanto, o ser humano também corrobora a constituição dessas relações. Ele é assim um ser relacional, afirmação com que Viktor Frankl concordou e pôde construir a sua psicologia pela busca de sentido da vida na dimensão humana do relacionar-se. Um relacionar-se que sempre transcende o homem dando a ele a significação da vida.

Por transcender, vimos que Frankl toma o conceito como autotranscendência, o que significa que o ser humano se projeta sempre para fora, para além dele mesmo, a fim de constituir-se como pessoa por meio das relações às quais está exposto no mundo. Jost, por sua vez, articulando-se sobre os dois pensadores, observou essa implicação em jovens em conflito com a lei, o que a levou para a conclusão de que aqueles adolescentes se entregavam ao crime e se conformavam com a situação por não encontrarem no mundo um sentido para viver, houve uma frustração dos valores nas três dimensões de relacionamento.

Algo parecido é visto no estudo de Aquino e seus colaboradores, os adolescentes anseiam por respostas relacionais que lhes dê conforto e acolhida. Para isso, buscam referenciais nas relações estabelecidas e podem encontrar resposta para o vazio existencial à medida que partilham o que sentem e colocam isso em diálogo com os outros, constituindo, dessa forma, o sentido da vida para fora de si mesmo, pois articulam-no com o mundo, com o outro, com o transcendente.

Portanto, a nossa existência é sempre movimento de constituição do eu no relacionamento com o tu. As questões existenciais e sociais só podem ser respondidas de modo responsável se nos colocamos no mundo como seres abertos ao diálogo que permite a nossa edificação e constituição. Como seres humanos que somos, não nos limitamos, mas estamos sempre prontos para a criatividade como meio de superação e resiliência (SILVEIRA; MAHFOUD, 2008) diante de situações de limite e das situações de quietude.

Referências

- DRUMMOND DE ANDRADE, C. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- AQUINO, T.A.A. et al. Avaliação de uma proposta de prevenção do vazio existencial com adolescentes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 31, n. 1, p. 146-159, 2011.
- FRANKL, V. E. *Em busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1987.
- FRANKL, V. E. *Psicoterapia e sentido da vida*. São Paulo: Quadrante, 1989.
- JOST, M.C. Fenomenologia das motivações do adolescente em conflito com a lei. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 26, n. 1, p. 99-108, 2010.
- MAHFOUD, M. Autoconsciência como acontecimento: viver a pergunta “Quem sou eu?”. In: ESPÍNDULA, J.A.G. (org.). *Psicologia Fenomenológica e Saúde: Teoria e Pesquisa*. Boa Vista: Editora da UFRR, 2019. p. 48-55.
- MOREIRA, N.; HOLANDA, A. Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa. *Psico-USF*, v. 15, n. 3, p. 345-356, 2010.

ROSA, J.G. *Tutameia (terceiras estórias)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

SILVEIRA, D.R.; MAHFOUD, M. Contribuições de Viktor Emil Frankl ao conceito de resiliência. *Estudos de Psicologia* (Campinas), v. 25, n. 4, p. 567-576, 2008.

VAZ, H.C.L. *Antropologia filosófica I*. São Paulo: Loyola, 2014.

ZAMULAK, J. Autotranscendência: caminho para superação do individualismo. *Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial*, v. 4, n. 2, p. 130-142, 2015.

Como citar este artigo/*How to cite this article*

SOUTO, F. S. Logoterapia e juventude: a busca pelo sentido da vida. *Cadernos de Fé e Cultura*, v. 5, e205095, 2020. <https://doi.org/10.24220/2525-9180v5e2020a5095>